

A VOZ DO MINEIRO

A miséria e subdesenvolvimento do local de partida, a humilhação e sofrimento nas profundezas das minas sul-africanas, são descritos, no trabalho que se segue, por aqueles que há décadas se vêem obrigados a ir vender a sua força de trabalho no «Joni». Para esse relato, feito pela voz e palavras do mineiro moçambicano, transcrevemos excertos de entrevistas e canções desses trabalhadores traçando, em linhas gerais, um percurso de ida e volta, cujos reflexos sócio-económicos são já parte integrante da cultura e da vida do Sul de Moçambique.

Retiradas de uma recolha efectuada pelo Centro de Estudos Africanos em trabalhos de investigação de campo, as entrevistas e canções aqui divulgadas demonstram que, se o trabalhador desconhece ou atribui à fatalidade do destino as causas da engrenagem em que se vê metido, ele tem a consciência plena da exploração a que é sujeito.

Referentes a três mineiros que figurarão como representantes de outras tantas gerações de migrantes, passa também nas entrevistas e canções como que um encadeamento histórico do processo policial, obscurantista, divisionista e desumano de que se vem servindo o regime sul-africano para intensificar a exploração da força de trabalho e simultanea-

mente aumentar a acumulação das riquezas nas mãos das classes que representa.

Finalmente, um aspecto a salientar na montagem de excertos de entrevistas e canções que efectuámos para tentar dar uma ideia dos diversos trâmites por que passa o mineiro, desde que abandona a sua terra para se entregar ao recrutador, fazer a viagem de ida, ser distribuído pelas diversas minas, produzir e regressar de novo. É ele o ponto de referência comum de esperança de libertação e de recuperação de dignidade que representa a «chegada da FRELIMO», ou seja, o triunfo da Luta de Libertação e as perspectivas de transformação radical que essa vitória apresenta, para o migrante também, tanto relativamente ao colonialismo português como ao sistema capitalista sul-africano.

A PRIMEIRA IDA PARA AS MINAS

José Thonela Kumbe, 43 anos, entrevistado na célula de Khambane, distrito de Homóine, província de Inhambane, em 15 de Setembro de 1979:

— **Onde nasceu?**

— Nasci em Mheho. O meu pai e os meus avós todos nasceram em Mheho, e vim viver aqui (Khambane) depois da morte da minha mãe. Vim viver com a minha tia que me criou. A casa dela era ali nessa altura.

— **Há quanto tempo vive aqui?**

— Comecei a construir a minha casa aqui em 1961.

— **Pode contar-nos como é que cresceu em Mheho?**

— Vivemos em Mheho até à morte da minha mãe. Depois fomos todos entregues a diferentes tias porque o nosso pai não podia tomar conta de nós porque era trabalhador das minas (que ficava em casa só por pouco tempo). Vim para aqui viver com a irmã do meu pai, Falasi, que estava casada com Supa. Ela tomou conta de mim até que cheguei à idade em que fui para o Joni.

— **Gostaríamos de saber como foi a sua vida aqui — tomava conta de cabritos ou gado?**

— Tomei conta de cabritos da minha tia durante 2 anos.

— **Sabe quantos contratos é que o seu pai cumpriu nas minas?**

— Não me lembro porque eu era ainda muito novo quando ele morreu.

— **O seu avô também trabalhou nas minas?**

— Sim, ele trabalhou nas minas. (...)

(...) Nós éramos muito pobres e por causa da pobreza eu tive de ir para as minas. Fui pela primeira vez para as minas em 1951. Fomos para as minas por causa da pobreza e da miséria e porque não havia nada aqui em casa (não havia comida, nem empregos). Quando chegou a altura fomos até Five, o posto de recrutamento de Maghalangu, e entrámos na bicha. Não sabíamos se íamos conseguir porque éramos muito novos, mas eles viram-nos e aceitaram-nos! (...)

Zulumiro Meceiso, 61 anos, entrevistado em Khambane, em 13 de Setembro de 1979:

— Em 1935, quando já era crescido, andava na escola, e no ano seguinte, 1936, exigiram que eu pagasse imposto de palhota. Saí da escola e fui até ao posto de recrutamento para entrar na bicha mais fui recusado pelo recrutador, Maghalangu. Maghalangu costumava experimentar o peito dos recrutas que estavam todos alinhados batendo com força no peito deles e dizendo o resultado ali mesmo na língua da mãe dele, Bitonga: «oyi kandi mwama» — este aqui é um homem, mas este não é um homem! Os mineiros com experiência estavam na bicha com as suas botas das minas e Maghalangu, que também usava botas, pisava os pés descalços dos novos recrutas que automaticamente saltavam para trás gritando com a dor, enquanto que aqueles que tinham sapatos ficavam direitos, com os peitos para fora! Quando os novos recrutas fugiam dos pés de Maghalangu, os mineiros mais antigos diziam «este não consegue empurrar o carrinho de mão» e para o que tivesse botas diziam «este consegue empurrar um carrinho de mão». Continuei a tentar (ir para as minas) mas só em 1938 é que me deixaram ir para o Joni. (...)

MAGHALANGU

Canção de trabalho recolhida em Homóine, célula Khambane, em 11 de Setembro de 1979:

Regente: Maghalangu, Maghalangu, Maghalangu.

Coro: Heeyoo! Maghalangu.

Regente: Maghalangu levou o filho dele.

Coro: Heeyoo! Maghalangu.

Regente: Maghalangu matou o filho dele.

Coro: Heeyoo! Maghalangu.

Regente: Maghalangu levou a mulher dele.

Coro: Heeyoo! Maghalangu.

Regente: Maghalangu, Maghalangu, Maghalangu.

Coro: Heeyool Maghalangu.



Entre os versos cantados pelo regente e pelo coro são feitos os seguintes comentários pelos membros do coro:

- Conduz com cuidado, nós vamos para o Joni (Joanesburgo, para as minas).
- Conduz com cuidado, senão a nossa comida vai-se espalhar toda!
- Pai, por favor compra umas calças para o teu filho (mulher).
- Deves tomar conta da minha machamba — cultivá-la bem e plantar todas as sementelras...! (homem).
- Deves escrever cartas, pai!
- Vou mandar o dinheiro para o imposto de palhota, vou mandar o dinheiro.
- Por favor, não te esqueças de nós aqui em casa (mulher).



Entrevista com os cantores que na altura entoavam esta canção:

- **Cantam esta canção quando se estão a despedir?**
- Sim, cantamos isto quando saímos da estação de recrutamento de Maghalangu.

— **E dizem que Maghalangu está a levar o meu filho embora?**

— As mulheres dizem que Maghalangu, o recrutador, está a levar (roubar) os filhos delas para o Joni. Maghalangu era recrutador da Wenela. Maghalangu está a levar meu filho que pode morrer no Joni e não voltar mais. Maghalangu está a levar embora o homem que, depois de regressar do Joni, poderá descobrir que a sua mulher fugiu com outro homem!

O COMPONDE EM LOURENÇO MARQUES

Zulumiro Mecelso: (...) Chegámos então a N'walanga (em Lourenço Marques) e fomos para o componde (no Alto Maé). O cozinheiro do componde, nessa altura, para além de fazer a comida, também cortava o cabelo — ele cortava

o nosso cabelo com máquina. Ficávamos ali uns dias antes de embarcarmos no comboio para Ressano Garcia. O polícia encarregado do comboio de Ressano Garcia era alcunhado de N'waxitihlawani (o homem com olho pequeno). Quando saíamos do comboio em Ressano Garcia, ouvia-se um homem a apitar e outros a gritar «novos recrutados, para baixo!» Saltávamos todos e íamos para o comboio a correr, com o polícia à frente a indicar o caminho. Alguns ficavam com os dedos dos pés cortados pelas pedras quando corriam. Chegávamos ao comboio tão cansados que o médico nem tinha de pedir para respirarmos fundo! O exame médico tinha lugar imediatamente. Era muito azar ter os dedos dos pés feridos porque nesse caso era-se automaticamente vendido para as minas de carvão e nunca para as minas de ouro! (...)

Maurício Nkome, 24 anos, entrevistado na célula de Khambane, distrito de Homoine, província de Inhambane:

— Viajámos e chegámos a Ressano Garcia onde nos distribuíram cobertores. Nessa altura (1975) os novos recrutados ainda enfrentavam muitos problemas; por exemplo, em Ressano Garcia fizeram-nos, aos novos recrutados, pilar o amendoim (para o molho, que é estritamente trabalho de mulheres!).

— **Isso era a única coisa que vos obrigavam a fazer enquanto esperavam pelo comboio para a África do Sul?**

— Também nos faziam varrer o comboio todo. Quando chegou a altura apanhámos o comboio para Komatipoort. Quando o comboio parava, entravam muitos polícias Swazi com chicotes de pele de hipopótamo. Nós (os novos recrutados) não fazíamos a mínima ideia do que queriam os polícias que entravam nos nossos compartimentos e assim, quando eles nos diziam «hei, queremos ver as vossas roupas», ficávamos admirados e olhávamos para eles com a boca aberta! Então os velhos mineiros que se encontravam entre nós diziam: «para evitar problemas é melhor abrirem a vossa bagagem para inspecção.» Fizemos isso, e não fomos presos porque eles não encontraram nada do que estavam à procura. Nós vimos que o «colonialismo» ainda existia ali porque esses polícias podiam roubar a nossa comida e comê-la à nossa frente e não se podia fazer nada contra eles. Se uma pessoa se atrevesse a perguntar porque é que eles estavam a fazer aquilo, eles prendiam alegando que tinham encontrado suruma na bagagem.

A CHEGADA

José Thonela Kumba: Quando parámos em Komatipoort aconteceram algumas coisas: obrigaram-nos a abrir (a polícia)

todas as nossas malas e se encontravam ervas ou medicamentos na mala, prendiam imediatamente uma pessoa, mas se essa pessoa tivesse dinheiro e o oferecesse aos polícias, não era presa e os polícias só avisavam: «Está bem, podes ir, mas não tornes a fazer isto outra vez! Não podes levar estes remédios contigo porque tu vais matar os teus irmãos no componde!». Muitas pessoas levavam aqueles remédios para ver se tinham sorte nas minas. Alguns queriam arranjar um emprego bem pago; uns queriam ser nomeados indunas e outros queriam ser capatazes. Para isso tem de se consultar um feiticeiro antes de partir: nós andamos metidos nisto por causa do dinheiro! Quando chegámos a Mzilikazi esperámos que começasse a «venda» (para os diferentes compondes). Nessa altura havia um homem chamado Ntxayi-ntxayi (Xai-Xai) nesse posto de Mzilikazi.

— **Donde é que tinha vindo esse Ntxayi-ntxayi?**

— Ouvi dizer (não tenho a certeza) que veio do Gijana (Guijá) ou do Xokwe (Chókwè). Então eles começaram a chamar os nomes dos compondes (para onde deveriam ir os trabalhadores), e nós ficávamos ali a ouvir conselhos que eram segredados (pelos mineiros experientes): «Meu irmão, não vás para esse componde — é o inferno lá», diziam.

— **Eles diziam isso em segredo, aos vossos ouvidos?**

— Sim, eles diziam isso disfarçadamente! Os que eram novos dependiam muito desses conselhos. Ntxayi-ntxayi gritava: «Os que vão para Randfontein!, os que vão para Durban Deep...!» (fiquem deste lado, etc.) Se ninguém se levantava em resposta à chamada, Ntxayi-ntxayi dizia «estes daqui até ali, vão todos para Randfontein» e então não havia outra alternativa senão ir. Foi assim que fui para Durban Deep em Roodepoort onde fiquei num contrato de dezassete meses. Fui ainda mais uma vez para Durban Deep para um contrato de 16 meses.

Durante a minha estada em casa, em 1958, fui preso pelos colonos brancos que me levaram para a tropa onde fiquei até 1961. Depois fiquei em casa até 1964 quando voltei a trabalhar nas minas. Mas dessa vez não fui para Durban Deep, fui para a mina Brakpan e trabalhei lá até 1970. Vim para casa de vez em 1970, e quando veio a FRELIMO fui escolhido para secretário do Grupo Dinamizador e fiquei como secretário até 1979. No entanto ainda faço trabalho para a FRELIMO na célula do Partido (...)

Zulumiro Mecelso: Quando chegámos a Mzilikazi mandaram-nos tirar a roupa, que queimaram. Depois deitaram «sopa-

-sopa» no nosso cabelo e sovacos e mandaram-nos tomar banho. Depois disto fizémos bicha para o exame médico. Se punham uma cruz nas costas e no peito com giz, então a pessoa tinha sido «presa» e era mandada para a cama para passar a noite à espera de uma radiografia ao peito. Depois davam-nos roupa para vestir mas tínhamos de passar a noite em Mzilikazi. Éramos «vendidos» de manhã cedo no dia seguinte e não havia outra escolha senão ir para onde nos diziam que fôssemos.

— **E como é que vos «vendiam»?**

— Ficávamos numa bicha e então eles vinham e diziam o nome de um componde. Os novos tinham de se sentar separadamente dos experimentados. Eles davam prioridade aos trabalhadores que cada componde tinha pedido nesse dia. Os novos eram então distribuídos pelos diferentes compondes segundo as necessidades.

— **O que acontecia se um recruta novo se recusasse a ir para um componde — ele podia recusar?**

— Como é que podia recusar? O novato não tinha conhecimento das condições nos diversos compondes. Ele nunca tinha estado nas minas antes! Não tinha certificado. Não podia recusar!

NO LUGAR ERMO E VAZIO

Canção de trabalho das mulheres dos mineiros, recolhida em Homóine, célula de Khambane, em 11 de Setembro de 1979:

Regente: Oh! no lugar ermo e vazio.

Coro: Fica aí/continua aí!

Regente: Mesmo se me deixarem aqui sozinha.

Coro: Continua aí!

Regente: Com as chuvas a cair sobre mim.

Coro: Continua aí!

Regente: Mesmo quando elas me insultam/me amaldiçoam.

Coro: Continua aí!

Regente: Mesmo se elas me baterem/me espancarem.

Coro: Continua aí!

Regente: Mesmo se me derem pontapés.

Coro: Continua aí!

Regente: Mesmo se elas me fizerem feitiço.

Coro: Continua aí!

Regente: Mesmo se elas me expulsarem.

Coro: Continua aí!

Regente: Oh! no lugar ermo e vazio.

Coro: Continua aí!

Entrevista com a mulher que na altura entoava esta canção, Filomena Mathayi:

— **Qual é o significado desta canção?**

— Esta canção quer dizer que, depois de eu ter casado, o meu marido foi trabalhar para o Joni depois de ter construído uma pequena palhota para mim num lugar aberto e sem árvores. A palhota está mal construída e entra água quando chove. As minhas cunhadas e sogra não são boas para mim: insultam-me, amaldiçoam-me e chegam mesmo a bater-me ou a darem-me pontapés. Mas apesar de todos esses problemas, eu não faço as malas e volto para casa da minha família! — não! Eu fico aqui, e aqui continuarei neste lugar ermo, e esperarei até o meu marido voltar das minas. Ele deve encontrar-me aqui quando voltar para casa!

NOS COMPONDES DAS MINAS

José Thonela Kumbe: (...) (Nos compondes das minas) Costumavam pôr os Shanganas num dormitório; os Xhosas noutra; os Mpondos noutra; e os Suthos noutra ainda, e assim sucessivamente. O grande dormitório era então dividido em diversas partes nesta base. Essas partes eram numeradas e ocupadas da seguinte forma: 1 — Xhosa; 2 — Shangana; 3 — Sutho; 4 — Zulu; 5 — Shangana; 6 — Mpondo; 7 — Tswana; 8 — etc.

Cada unidade tinha a sua própria porta separada e os membros de um grupo étnico não podiam ocupar unidades vizinhas, por exemplo, uma vez que o primeiro grupo de Shanganas (todos moçambicanos) ocupavam a unidade 2, o segundo grupo de Shanganas não podia ocupar as unidades 1 e 3. Eles (as autoridades) tinham medo de deixar formar grupos muito grandes de uma mesma tribo para viverem juntos, porque pensavam que nesse caso haveria muitos problemas!

— **Quantas pessoas ficavam em cada unidade?**

— Havia vinte pessoas em cada.

— **E ainda é assim hoje?**

— Sim, não mudou.

— **O que dizem os trabalhadores dessa distribuição? Aceitam-na ou gostariam que os deixassem escolher os seus companheiros de quarto?**

— Os trabalhadores aceitam essa distribuição — pensam que está bem feita: há um armário grande com prateleiras em cada unidade. O armário é dividido em duas partes iguais e cada grupo de 10 pessoas fica com uma dessas partes. Cada

pessoa tem uma chave do armário, e tudo isto é dado pela mina. Antigamente os mineiros tinham de pôr as suas roupas de trabalho dentro de caixas de cartão, debaixo da cama.

— **As roupas de trabalho sujas?**

— Sim, as roupas de trabalho sujas. Eles (as autoridades) compreenderam agora que isso causava problemas e insatisfação, e foi por isso que construíram casas de banho à entrada das minas onde os mineiros podem tomar banho e mudar-se antes de irem para o componde. A roupa suja fica na casa de banho e o trabalhador que quiser lavar as suas roupas de trabalho volta à casa de banho para fazê-lo.

— **Portanto essas foram as alterações que foram feitas numa tentativa de melhorar as condições de vida?**

— Sim, essas foram as alterações que eles fizeram.

— **Essas alterações não se fizeram durante muitos anos, e dão despesa às minas. O que pensam os trabalhadores sobre as razões que levaram as autoridades a fazer esses melhoramentos?**

— Sobre as mudanças para melhorar as nossas condições de trabalho temos a dizer que foi a FRELIMO que nos libertou da escravatura, porque não havia essas alterações há muitos, muitos anos. Todas essas alterações para melhorar as nossas condições de trabalho aconteceram desde a chegada da FRELIMO. Também conseguimos mais dinheiro agora do que dantes — antigamente não havia dinheiro nas minas: trabalhávamos de graça, e uma pessoa que ganhasse 1000\$00 (por mês) pensava que estava a ganhar um salário fantástico, mas de facto isso não era nada para ele. Mas os salários melhoraram desde a chegada da FRELIMO e nós portanto concluímos que foi a FRELIMO quem nos libertou da escravatura!

— **Ouvimos dizer que uma das coisas que preocupava o gerente do componde antigamente era a possibilidade de alguns operários fugirem da mina para irem procurar emprego fora da indústria mineira. Uma das maneiras de tentar impedir a fuga era iluminar o componde com luzes muito fortes para que à noite o componde estivesse tão iluminado como de dia. Isto ainda acontece?**

— Sim, as luzes do componde de facto estão postas da mesma maneira que as da prisão de Homoine — com os postes de iluminação colocados a pequena distância uns dos outros, e de facto essas lâmpadas iluminam tão bem o componde que de noite é fácil percorrê-lo para visitar amigos! Mesmo nos dormitórios as luzes nunca se apagam; os quartos estão iluminados e as luzes só são apagadas de manhã. (...)

O TRABALHO NA MINA

José Thonela Kumbe: (...) Depois de se chegar à mina, mandam-nos fazer testes de aptidão. Alguns dos que passam no teste são depois mandados para a escola da mina para se formarem como capatazes. Acontece muitas vezes uma pessoa não passar no teste simplesmente porque a pessoa que nos examina é de outro grupo étnico. Em alguns compondes os testes são feitos por um branco (que não discrimina), mas noutros compondes os testes são feitos por um Xhosa ou Sutho que muitas vezes reprovam o Shangana porque pensam que este é vaidoso e tolo. Se isso acontecer ainda se tem a possibilidade de vir a ser capataz, porque os brancos encarregados do trabalho nas galerias estão sempre à procura de bons trabalhadores. Quando eles descobrem as nossas boas qualidades descobrem então que fomos reprovados de propósito, e logo a seguir mandam-nos para a escola para aprendermos a ser capatazes. A formação dura um mês e quando passamos, tornamo-nos capatazes.

— Qual é o trabalho do capataz?

— Quando se é capataz tem de se trabalhar juntamente com os outros; se se é capataz na galeria, ou nos sítios onde instalam tubos, ou nos sítios onde se montam carris — então tem de se trabalhar com o grupo. Se se está a cavar na galeria — claro que agora as escavações são feitas pela «busimani» — a escavadeira mecânica. (...)

Maurício Nkome: (...) Fomos para baixo da terra pela primeira vez numa segunda-feira. Estávamos numa bicha à entrada da mina quando vi o grupo que estava à nossa frente entrar no elevador. Acendeu-se uma luz vermelha, seguiu-se um ruído metálico e o elevador foi para baixo! Vi grandes rodas e cabos compridos a andar mesmo por cima de nós e não compreendi como é que o elevador trabalhava e quem é que estava a conduzir aquela coisa. Quando tentei saber, perguntando aos meus companheiros, eles não se mostraram muito prestáveis: «Fazes perguntas de mais; lembra-te que vieste para aqui para ganhar dinheiro e nada mais!» disseram, ao mesmo tempo que me empurravam para o elevador. Depois do nosso elevador ter começado a descer, balançou de súbito violentamente. Fiquei aterrorizado, e ninguém sabia dizer o que se passava com o elevador. Fiquei mais descansado quando vi que os «boers» que estavam no compartimento mesmo por baixo, cavaqueavam e riam entre eles e pensei: «bem, se eles não estão preocupados, é porque não estamos em perigo».

Quando chegámos lá em baixo, fomos levados para o nosso local de trabalho, ao mesmo tempo que nos faziam muitos avisos: «Estão a ver aquelas galerias? Se se perderem, será o fim para vocês, porque nunca mais vão conseguir encontrar o caminho de volta para a estação subterrânea.» Começámos a ficar bastante amedrontados e muitos de nós começaram a fazer perguntas que só faziam irritar o capataz. (...)

EMPURRA/PUXA

Canção de trabalho recolhida em Homóine, célula de Khambane, em 11 de Setembro de 1979:

Regente: Empurra, empurra de novo para o pé de mim!

Coro: Força, empurra!

Regente: Empurra (e) levanta outra vez!

Coro: Força, empurra!

Regente: Empurra, empurra outra vez para o pé de mim!

Coro: Força, empurra!

Esta canção é acompanhada por muitos assobios e durante a sua execução ouvem-se os seguintes comentários:

— Hei! Espera aí!

— Oh! Oh! Estou esmagado/os meus dedos estão entalados (debaixo da coisa que está a ser levantada).

— Parem! Parem! Há aqui uma pessoa ferida!

— Depressa! Ajudem-no! Ele está muito ferido! Estanquem o sangue!

— Ele é um idiota! Ele é estúpido! Porque trabalha assim?

— Não! Não! Não lhe batam, não batam num ferido!

— Estás a ver este Shangana? É estúpido demais!

— Julgas que isto é Portugal? (África Oriental Portuguesa)

— Diabos te levem, preto dum raio!

— Julgas que isto é a casa da tua mãe?

★

Entrevista com os cantores que na altura entoavam esta canção:

— Quando um operário se magoava eles insultavam-no, chamando-lhe Shangana estúpido, etc.?

— Batiam-lhe.

— Batiam-lhe?

— Sim, e então aparecia alguém a pedir desculpa pelo operário ferido. Eles (os «boers») diziam que isto aqui era o Joni e não a África Oriental Portuguesa. O capataz (de outro grupo étnico) dizia isso. Ele dizia, quando uma pessoa se magoava, que só estava a fingir e que devia levantar-se e continuar a trabalhar. E os «boers» chamavam-lhe preto estúpido!

OS ACIDENTES

José Kumbe: As minas mais «populares» ficam em Bethany onde trabalhei desde 1964 até 1970 — todas as minas desta área são boas porque numa mina boa não se vêem macas muitas vezes. Vêem-se, mas só de tempos a tempos. Mas todas as minas de Joanesburgo — não sei se é por serem muito antigas — são más porque se vêem macas vezes demais!

— **O que quer dizer quando afirma que há muitas macas à vista?**

— Significa acidentes, quando as pessoas ficam feridas. As minas de Bethany são boas porque pode-se passar seis meses sem haver qualquer acidente, e mesmo um ano sem acidentes. Mas as minas de Joanesburgo — desde Durban Deep (Roodepoort) até ERPM-Angelo (Rand Oriental) são más.

— **Portanto uma mina boa é a que tem menos acidentes?**

— Uma boa mina não tem acidentes.

— **Que outras coisas fazem uma mina boa?**

— Outras coisas que fazem com que uma mina seja boa — bem, o facto é que antigamente era mau trabalhar nas minas porque os brancos com quem trabalhávamos, aqueles «boers», eles não tratavam correctamente os operários. Eles faziam os operários ir a partes da mina que eram perigosas e faziam-nos trabalhar aí. Depois podia haver um desabamento e muitas pessoas morreram assim. Depois houve uma grande melhoria com a introdução de travessas e vigas de ferro que são mais eficazes para evitar desabamentos e avalanches de pedras. Os supervisores são agora também mais conscientes no seu trabalho, porque examinam os locais mais frequentemente e certificam-se que os locais estão seguros com travessas e vigas de madeira ou ferro, antes de mandarem os operários trabalhar. (...)

O REGRESSO

Maurício Nkome: (No caminho de regresso) é muito duro em Mzilikazi (na África do Sul) porque nessa altura estamos

carregados com tantas coisas. Temos que carregar todas essas coisas do comboio para o componde, e quando estamos no componde é preciso passar por muitos controlos, por exemplo, os passaportes têm de ser verificados. E desta vez não há comida. Se não se tiver trazido a própria comida, passa-se mal

— **Não há comida em Mzilikazi?**

— Não há comida! Dão-nos comida quando vamos para as minas porque nessa altura vamos trabalhar para eles; é então que eles dão umas papas de farinha que, se uma pessoa rejeitar e deitar fora, por serem tão más, vão ser depois dadas aos que estão mais atrás na bicha. Quando já não se é empregado deles, já não há comida em Mzilikazi. Dão o bilhete do comboio e dão metade de um pão — pão seco que já tem três dias e que não se pode comer. Depois apanhamos o comboio, mas não é muito seguro o comboio. Roubam dinheiro no comboio. A mim não roubaram nada porque eu sabia e tomei precauções. Depois de lavar os pés no componde, pus o meu dinheiro nas meias: primeiro o dinheiro, depois dois pares de meias e depois os sapatos! O meu passaporte também vai nas meias, de lado.

— **E os ladrões não sabem disso?**

— Não sabem porque ninguém fala disso.

— **Quanto dinheiro é que trazia escondido?**

— Trazia 45 libras. E cheguei em segurança a casa com todas as minhas coisas intactas. Em Ressano Garcia troquei o dinheiro por escudos.

— **Quando é que regressou a Moçambique?**

— Regressei em 1977.

— **E vai tentar voltar para as minas? Já tentou?**

— Não consigo voltar. Já tentei mas sem resultado.

— **Mas continua pronto a regressar ao Joni?**

— Sim.

— **Mesmo depois de todos os problemas que teve e de todos os sofrimentos por que passou?**

— E o que é isso? Mesmo os nossos pais que iam para as minas a pé e que sofreram ainda mais, nunca desistiram!

ESTOU FELIZ HOJE

Canção de trabalho das mulheres dos mineiros, recolhida em Homoïne, célula de Khambane, em 11 de Setembro de 1979:

Regente: Oh! Que alegria! Estou tão feliz por ver o meu marido hoje!

Coro: Oh! Que alegria!

Regente: Estou tão contente e feliz por ver este pai hoje!

Coro: Oh! Que alegria!

Regente: Oh! Estou feliz hoje (porque) o meu homem voltou!

Coro: Oh! Que alegria!

Regente: Oh! Que alegria! Que grande alegria!

Coro: Oh! Que alegria!

Entrevista com a regente que estava a cantar esta canção na altura, Angelina Fulawa:

— **Por que está tão feliz hoje?**

— Estou contente porque o meu marido regressou do Joni e eu dou-lhe as boas-vindas com alegria, porque agora vamos fazer muitas coisas bonitas juntos... Ele está de regresso e agora vamos fazer visitas juntos. Visitaremos os seus amigos e a sua família e visitaremos os meus amigos e a minha família, que alegria! É tão bom! O meu homem voltou para casa, voltou do Joni!

(Entrevistas e canções recolhidas e traduzidas do Shanga para Inglês, por Alpheus Manghezi)